

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

DANIEL DE CASTRO RODRIGUES

**O VÍDEO AUXILIANDO O HÁBITO DA
LEITURA E A ESCRITA NO PRIMEIRO
CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Porto Alegre
2018**

DANIEL DE CASTRO RODRIGUES

**O VÍDEO AUXILIANDO O HÁBITO DA
LEITURA E A ESCRITA NO PRIMEIRO
CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador(a):
Prof. Dr. Felipe Becker Nunes**

**Porto Alegre
2018**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitor: Prof^a. Jane Fraga Tutikian

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Celso Giannetti Loureiro Chaves

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. Leandro Knug Wives

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Prof^a. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

No meu processo de aprendizagem durante os anos dedicados nas técnicas em uso de mídias na escola pude ao longo da caminhada contar com a ajuda de diversas pessoas que auxiliaram na elaboração das atividades, em seu desenvolvimento ou até as pessoas incentivadoras trouxeram palavras positivas em momentos difíceis.

Entre eles devo destacar uma colega Nádia Mancuzzo, professora na E.M. E. F. Grande Oriente que foi uma incentivadora, uma conselheira que ouviu meus muitas vezes falando de meus trabalhos no decorrer do curso de mídias, além de apoiar no desenvolvimento de algumas práticas que tive a possibilidade de realizar em minha escola antiga antes de sair.

Minha família, mãe e irmã que me auxiliaram ouvindo meus medos e frustrações ao longo de minha caminhada, trazendo palavras de conforto e alento confiando em minha capacidade de ultrapassar os obstáculos a serem superados e aos poucos vencidos um a um.

RESUMO

Esse trabalho apresenta em seus conteúdos informações referentes ao uso das mídias em sala de aula, centralizado no uso de tecnologias no ensino das séries iniciais. Para isso foram desenvolvidas atividades com ferramentas explorando o vídeo como forma de motivação da leitura e da escrita no desenvolvimento da alfabetização e o letramento do aluno. Entre as atividades que exploramos ao longo do trabalho, na primeira, os alunos do terceiro ano do ensino fundamental fizeram registros com o celular tendo cada aluno que filmar os colegas no decorrer da atividade. Na segunda atividade, as crianças trabalharam através da internet elaborando tarja de histórias em quadrinhos trazendo uma maneira mais prazerosa para o desenvolvimento de sua escrita. O objetivo na primeira atividade foi desenvolver através do vídeo sua leitura e escrita, de forma a recontar uma história pesquisada pelos alunos através de desenhos e frases. A segunda atividade teve como objetivo observar como os alunos interagiram com uso de novas ferramentas na construção dos desenhos e frases. Ao longo das atividades podemos verificar que os alunos selecionados para os trabalhos mostraram-se receptivos, querendo atingir os objetivos propostos com as ferramentas, com prazer na realização. Os meninos da pesquisa mostraram um gosto maior pelo registro com o uso do celular do que as meninas, que por sua vez gostaram mais da confecção dos quadrinhos com uso da página pixton na internet nos computadores.

Palavras-chave: Vídeo; Alfabetização; Letramento; História em Quadrinhos; Anos Iniciais.

THE VIDEO AUXILIATING THE HABIT OF READING AND WRITING IN THE FIRST CYCLE OF FUNDAMENTAL TEACHING

ABSTRACT

This work presents in its contents information regarding the use of media in the classroom, centered on the use of technologies in the teaching of the initial series. For this, activities were developed with tools exploring the video as a form of motivation of reading and writing in the development of literacy and the literacy of the student. Among the activities that we explore throughout the work, in the first, the students of the third year of elementary school made records with the cell phone having each student to film the colleagues in the course of the activity. In the second activity, the children worked through the internet elaborating comic book strip bringing a more pleasant way for the development of their writing. The objective in the first activity was to develop through the video its reading and writing, in order to retell a story researched by the students through drawings and phrases. The second activity had as objective to observe how the students interacted with the use of new tools in the construction of the drawings and phrases. Throughout the activities we can verify that the students selected for the works were receptive, wanting to reach the proposed objectives with the tools, with pleasure in the accomplishment. The boys in the survey showed a greater taste for registration with the use of the cell phone than the girls, who in turn liked the making of comics more often with the use of the pixton page on the internet on computers.

Keywords: Video; Literacy; Literature; Comic; Early years

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Capa do livro Bullying na Escola.....	30
Figura 2. Registro em desenho dos alunos.....	31
Figura 3. Registro dos alunos com celulares.....	32
Figura 4. Resultados dos desenhos criados 01.....	32
Figura 5. Resultados dos desenhos criados 02.....	33
Figura 6. Resultados dos desenhos criados 03.....	33
Figura 7. Resultados dos desenhos criados 04.....	34
Figura 8. Momento de criação das senhas no Pixton.....	35
Figura 9. Momento de criação dos quadrinhos no Pixton.....	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 JUSTIFICATIVA	11
3 OBJETIVOS	13
3.1 OBJETIVO GERAL	13
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
4 REFERENCIAL TEÓRICO	14
4.1 USO DE RECURSOS MULTIMÍDIA PARA A ALFABETIZAÇÃO.....	14
4.2 O VÍDEO COMO RECURSO NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	21
4.3 TRABALHOS RELACIONADOS	23
5 METODOLOGIA.....	26
5.1 PARTICIPANTES.....	26
5.2 DESIGN DO ESTUDO	27
5.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	28
5.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	29
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	30
6.1 VÍDEOS E LIVROS DIGITAIS DO PONTO DE VISTA OBSERVACIONAL.....	30
6.2 PARECER DESCRITIVO E RODA DE CONVERSA.....	36
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	41

1 INTRODUÇÃO

A informática ao longo dos anos foi aumentando seu acesso pelos governantes de nosso país. Na década de 80, poucos eram os projetos de professores mais corajosos que defendiam o uso benéfico de sua utilização no âmbito da educação, e ao mesmo tempo encontrando bastante resistência da sociedade no primeiro momento. Passado alguns anos foram caindo por terra algumas dificuldades através do estudo das experiências realizadas.

Nos anos 2000 com a facilidade no encontro das novas tecnologias, e aumento dos profissionais habilitados na área da educação, houve um aumento nos projetos e foram sendo distribuídas salas de informática nas escolas públicas. Moran (1995) explica que:

O vídeo também é escrita. Os textos, legendas, citações aparecem cada vez mais na tela, principalmente nas traduções (legendas de filmes) e nas entrevistas com estrangeiros. A escrita na tela hoje é fácil através do gerador de caracteres, que permite colocar na tela textos coloridos, de vários tamanhos e com rapidez, fixando ainda mais a significação atribuída à narrativa falada. (MORAN, 1995 p. 2)

Nesta citação Moran demonstra a escrita facilitando o entendimento do que está sendo apresentado no vídeo, mas deparei-me com as primeiras palavras deste parágrafo em que não pude deixar de pensar no vídeo como forma de registro, ou seja, armazenando informações pertinentes para uma leitura e escrita. Prado (2013) explique que:

Portanto os artigos não se coadunam com o ensino instrumental, que se restringe ao espaço delimitado pelas fronteiras disciplinares, ou se direcione ao estudo de tecnologias em si mesma. Da mesma forma que não se restringem aos limites disciplinares, os artigos focam concepções e práticas pedagógicas que se apoiam e integram distintas mídias e fontes de informação, tais como livros, vídeos, revistas, jornais, publicações na internet, contatos via e-mail, uso de enciclopédia em CD-Rom, software de referência, programas televisivos e outros. (PRADO, 2013, p.11).

Nesse trecho pude observar que a autora transmite a seu leitor que as novas mídias ou tecnologias não são meros instrumentos para uso da aprendizagem dos alunos, nem tão pouco uma nova disciplina a ser estudada, mas sim, uma interação dos conteúdos a serem estudados com uma nova abordagem através das novas tecnologias, propiciando ao aluno o estímulo de outras áreas a audição e o tato. Camargo (2010) tem um pensamento complementar, em que:

Quando se fala em letramento não se fala apenas em práticas sociais que envolvem os processos de leitura e escrita, pois para que o aluno possa se apropriar destas práticas é necessário que saiba codificar e decodificar o código escrito, portanto, o processo de alfabetização é extremamente ligado ao letramento. A criança só poderá fazer melhor uso social dos processos de leitura e escrita quando também estiver sendo alfabetizada. (CAMARGO, 2010, p. 10)

Para Camargo (2010) o letramento e alfabetização andam juntos, ou seja, o aluno não pode ser considerado alfabetizado com a aprendizagem das letras, o som das sílabas, ele deve saber interpretar seu sentido. Freire (1996) argumenta que:

Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente. (FREIRE, 1996, p. 16)

Nesta citação Freire (1996) está falando da leitura de mundo, a leitura que está além do que foi escrito, a informação esconde-se por trás das palavras. Como vimos anteriormente Moran fala da facilidade dos dias de hoje em adicionar caracteres para significação da matéria falada, já Prado (2013) tem a compreensão que as tecnologias não são apenas instrumentos ou um conteúdo a ser estudado e sim um complemento na construção do sujeito, ou seja, uma estratégia para auxílio da compreensão do aluno, sendo reforçado este pensamento por Camargo (2010) quando cita a forma da criança entender no decodificar e codificar para construção de seu conhecimento.

Apresentaremos no desenvolvimento do trabalho as teorias que embasam a pesquisa e as técnicas aplicadas por meio do uso de recursos multimídias, como os vídeos, juntamente aos alunos do ensino fundamental para estimular o hábito da leitura e da escrita, bem como relatórios preenchidos pelo pesquisador sobre as atividades realizadas.

2. JUSTIFICATIVA

Durante minha caminhada no curso deparei-me com uma reportagem publicada no ano de 2014 pela revista Gambiarra pela autora Ana Paula Marques, que tratava da experiência de uma escola de Vitória da Conquista, o Instituto de Educacional Euclides Dantas (IEED).

O Instituto havia desenvolvido um projeto com a iniciativa de alunos que estudavam no Núcleo de Informática da escola, interessados em ampliar seus conhecimentos e que iniciaram um jornal para dar voz a seus pensamentos sobre o ambiente escolar.

Esse experimento foi planejado inspirado na entrevista da revista Gambiarra com vistas em estimular o interesse dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Migrantes quanto a leitura e a escrita, uma vez que os mesmos não demonstram o gosto na aprendizagem. Para tanto, acompanhando a realidade da escola, sendo a comunidade que a frequenta, da vila Dique, uma comunidade carente de recursos, que está em processo de remoção pela prefeitura para outro local da cidade, fui elaborando uma proposta de atividades que as estimulassem o gosto da leitura e escrita e o uso das mídias.

Nesse sentido, busquei elaborar atividades com novos recursos como o vídeo para desenvolver sua alfabetização. Soares (2017) explica que:

Pretende-se contribuir com ideias acerca do uso desses recursos, para uma efetiva inclusão da “TV e Vídeo” nas práticas pedagógicas. Seguindo sempre um propósito, intenção ou finalidade que se englobe ao cotidiano escolar, integrados à proposta pedagógica da escola, fazendo refletir sobre como devem ser utilizados em sala de aula. (SOARES, 2017 p. 5)

Essa citação de Soares reforça a convicção que tenho quanto a utilização da TV e do Vídeo como recursos na qualificação da aprendizagem do aluno trazendo novas formas de interagir com o conhecimento. Na busca de textos para reforçar minhas convicções quanto ao uso do vídeo em meu trabalho de pesquisa, tive acesso a um trabalho de Moran (1995) onde ele apresenta algumas propostas de utilização de vídeo que me identifiquei, o vídeo como produção e o vídeo como espelho.

No vídeo como produção Moran (1995) comenta em sua proposta que o vídeo pode ser utilizado como documento registro de eventos, como testes de suas aulas, como material para aulas futuras.

No vídeo como espelho Moran (1995) mostra o vídeo como forma de enxergar seu corpo, seus cacoetes, ou seja, através do vídeo poderemos visualizar nossos erros, identificando-os para trabalhar na sua superação.

Estas propostas de vídeo de Moran refletiram muito do que apliquei com os alunos do 3º ano, uma vez que utilizei da produção de vídeos na escola para registrar os alunos e sua interação com a tecnologia e verificando seu nível de aprendizagem de leitura e escrita em que se encontravam, suas leituras de mundo, suas interpretações.

No decorrer do trabalho, em algumas oportunidades de parada do trabalho para janta dos alunos, aproveitei para mostrar aos alunos os vídeos do dia antes da edição para que os mesmos pudessem se reconhecer como sujeitos de sua aprendizagem e estimular a sua autocrítica.

A abordagem proposta neste trabalho de pesquisa objetivou que os alunos fizessem uso das mídias tradicional e a mídia de vídeos, ou seja, os mesmos após uma leitura de um conto infantil, fizeram três tipos de registro, dois do tipo formal e um tipo digital, os formais são os registros em figuras e palavras ou frases que deem sentido as suas ilustrações. Outro registro é o vídeo do trabalho de seu grupo fazendo o revezamento de seus integrantes. Na segunda abordagem os alunos foram observados realizando uma atividade na sala de informática, onde foram estimulados a desenvolverem uma construção de uma tira de história em quadrinhos.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Para este estudo, foi elaborada a seguinte problemática de estudo: Como incentivar o hábito de leitura e escrita de alunos do ensino fundamental com o uso de mídias?

Para isto, o seguinte objetivo geral foi proposto: desenvolver nos alunos do primeiro ciclo do ensino fundamental o hábito da leitura e da escrita a partir da interação com recursos.

3.2 Objetivos específicos

- ✓ Oportunizar aos alunos a utilização de novas tecnologias;
- ✓ Auxiliar os alunos na sua organização dos fatos registrados em vídeo;
- ✓ Incentivar o hábito da leitura e escrita;
- ✓ Colaborar com os alunos para superação de suas dificuldades;

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste trabalho de pesquisa abordamos o processo de diagnóstico dos níveis de conhecimento dos alunos do 3º ano do ensino fundamental da escola Migrantes com vistas de identificar e oportunizar a estes sujeitos atividades que o auxiliem como reforço e de sua aprendizagem.

Entre as atividades escolhidas para esta pesquisa, foi optado por aquelas que estimulassem a leitura, para isso os alunos foram encaminhados à biblioteca da escola para que eles escolhessem as histórias a serem trabalhadas. A princípio é uma atividade de leitura qualquer, mas o diferencial desta é que todo seu processo de leitura da história, sua ilustração e construção de uma nova escrita para história foi registrada pelo ponto de vista dos alunos. Nesta tarefa usamos conhecimentos obtidos através da leitura da Psicogênese da língua escrita de Ana Teberosky e Emília Ferreiro para identificar a fase que eles se encontravam, juntamente com a teoria de Paulo Freire, onde o indivíduo tem que construir seu próprio conhecimento, não ser mero receptáculo, ser um sujeito ativo, com suas opiniões.

Na segunda atividade foi proposto aos alunos a elaboração de uma charge, ou seja, a construção de uma história em quadrinho a ser realizada na sala de informática da escola, com um site que auxiliará o aluno na confecção do desenho e invenção da sua história. Para tanto foram utilizados nesta pesquisa recursos como celulares, câmeras e computadores que trouxeram aos alunos observados na pesquisa um incentivo na busca de seu conhecimento.

4.1 Uso de recursos multimídia para a Alfabetização

Os recursos multimídia apesar de ser uma palavra nova já vem acompanhar a alfabetização ao longo dos anos, se voltarmos a um tempo atrás, na época que os computadores foram criados eram máquinas grandes pesadas, nos dias de hoje estão cada vez menores. Na educação lembro que na década de 90 já haviam vídeos aulas que visavam levar o conhecimento, a alfabetizar jovens e adultos.

Durante anos a fotografia foi se desenvolvendo e ficando cada vez melhor. Surgiu a opção colorida com melhor resolução e a tecnologia aprimorada, mas sem perder a essência da ação de fotografar. Os paradigmas foram alterados com o passar do tempo, fazendo produções de alta qualidade, com uso da internet facilitando o fluxo de distribuição e acesso às imagens, tornando assim mais simples o uso de câmeras digitais. (PRIMMAZ, 2015, p. 25)

Ao longo dos anos a fotografia desde que surgiu com o francês Joseph Nicéphore Niépce passou por muitas evoluções, ora preta e branca, depois as fotos coloridas, a extinção dos filmes para revelar com o aparecimento das primeiras câmeras digitais, nos dias de hoje as câmeras não fazem só a tarefa registrar imagens, e sim registram imagens e sons.

Fazendo a leitura de Primmaz (2015) verificamos que as fotografias eram usadas para registrar eventos, ou datas comemorativas, fotos da turma e que estas permaneciam guardadas em caixas ou filmes para quando preciso revelá-las. Passado algum tempo e a chegada das câmeras digitais, as fotografias deixaram de ser guardadas em caixas, para serem guardadas nos computadores.

Essa evolução da tecnologia, facilitou o acesso de vídeos caseiros, onde antes tínhamos que usar câmeras filmadoras muito pesadas, as câmeras digitais menores e mais fáceis de carregar, e agora cada vez mais acessíveis uma vez que podemos utilizar o nosso celular para fazer um vídeo. Cruvinel (2015) entende que:

O presente Projeto de Lei visa assegurar a essência do ambiente escolar, onde a atenção do aluno deve estar integralmente direcionada aos estudos, na fixação do aprendizado passado pelos professores, sem que nada possa competir ou desviá-lo desse objetivo. O uso do celular no ambiente escolar compromete o desenvolvimento e a concentração dos alunos, e são preocupantes os relatos de professores e alunos de como é comum o uso do celular dentro das salas de aulas. (CRUVINEL, 2015, p.1)

Concordo com esta afirmação em parte, quando o Sr. Cruvinel fala sobre atenção do aluno deve ser voltada integralmente aos estudos, e como esse aluno aprende a fazer um bom uso dessa tecnologia? Restringindo seu uso? Cruvinel (2015) expõe que:

Segundo professores é constante a troca de “torpedos” entre alunos dentro da sala de aula e também para amigos de outra sala. Muitos deixam o celular no modo silencioso e às vezes não resistem quando recebem uma ligação e acabam atendendo, tirando sua atenção da aula. (CRUVINEL, 2015, p.2)

Penso que não devemos apenas proibir o uso do celular em sala de aula, mas sim estimular o aluno a desenvolver seu senso crítico de maneira que o mesmo possa repensar sua prática com o uso do celular de forma certa, trazendo-o como aliado na construção do

conhecimento e não um inimigo. De acordo com a Lei Nº 11.067 e sancionado no estado do Rio Grande do Sul na cidade de Porto Alegre, temos a seguinte situação atualmente:

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu, no uso das atribuições que me confere o inciso II do artigo 94 da Lei Orgânica do Município, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica proibido o uso de aparelhos de telefone celular durante as aulas, nas escolas públicas da Rede Municipal de Ensino.

Parágrafo único. Os aparelhos de telefone celular deverão permanecer desligados e guardados durante as aulas.

Art. 2º Fica obrigatória a afixação de aviso nas portas de entrada das salas de aula, alertando os alunos quanto à proibição do uso de telefone celular, com os seguintes dizeres: AVISO. Nos termos da Lei Municipal nº 11.067/11, fica proibido o uso de aparelhos de telefone celular durante as aulas, devendo permanecer desligados e guardados.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Ao analisarmos esta lei da cidade de Porto Alegre, o leitor leigo, ou seja, o que não vive a realidade da sala de aula, provavelmente achará que o prefeito tenta dar um amparo legal para que o aluno e o professor entendam que para sua concentração em sala o uso de ligações, e hoje em dia mensagens instantâneas como do WhatsApp e Messenger, atrapalham o bom andamento das aulas. Isto visto através de um ponto de vista até pode parecer certo, mas até que ponto?

Se olharmos por outro ponto de vista para que o aluno vai para escola, se não para aprender a conviver, respeitar a seus pares ou outras pessoas de ideias diferentes da sua, o que estamos ensinando ao aluno apenas proibindo, será que não deveríamos estar demonstrando a ele o como fazer um bom uso desta ferramenta. Entre elas o seu uso para pesquisa através da internet ou até mesmo a utilização como câmera de vídeo.

Freire em seus livros não fala diretamente sobre recursos multimídias no uso da alfabetização, mas seus livros tratam de conscientização, de como o sujeito realiza suas conexões, como entende o mundo a sua volta, como vê a autonomia do sujeito como vemos:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, seu gosto estético, a sua inquietude, sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de rebeldia legítima, tanto quando o professor que se exige do cumprimento de seu dever de ensinar de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É nesse sentido que o professor autoritário, que por isso

mesmo afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu papel direito de estar sendo curioso e inquieto. (FREIRE, 1996, p. 35)

Nessas palavras Paulo Freire fala do professor autoritário, que esse não deve ser muito rigoroso com a inquietude de seu aluno, pois no ato de sua aprendizagem o aluno na construção de seu conhecimento não é apropriado que receba sem questioná-lo, o professor aqui deve assumir um papel de facilitador (provocador), libertando seu aluno para perguntar, interagir com o conteúdo trabalhado, e assim encontrando mais espaços de diálogos em suas aulas, a cerca disso a tecnologia vem como um ponto de identificação do professor e do aluno, desta forma o professor pode utilizar a tecnologia como forma de chamar a atenção do seu aluno para o que deve ser trabalhado:

A vigilância do meu bom senso tem uma importância enorme na avaliação que, a todo instante, devo fazer de minha prática. Antes, por exemplo, de qualquer reflexão mais detida e rigorosa é o meu bom senso que me diz ser dão negativo, do ponto de vista de minha tarefa docente, o formalismo insensível que me faz recusar o trabalho de um aluno por perca de prazo, apesar das explicações convincentes do aluno quando o desrespeito pleno pelos princípios reguladores da entrega dos trabalhos. É o meu bom senso que me adverte de exercer a minha autoridade de professor de classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. (FREIRE, 1996, p. 36)

Aqui Freire nos leva a refletir da importância do bom senso na vida do professor, na revisão da sua prática, fazendo uma autoavaliação do seu trabalho, fala da sensibilidade de dar uma segunda chance a um aluno que perdeu o prazo, mas apresentou uma justificativa justa, do bom senso que ao invés de impor sua autoridade, orienta, coordena as tarefas, inserindo os alunos como sujeitos de seu trabalho.

Ferreiro afirma que a criança no processo da escrita não repetirá como em outros tipos de objeto, a mesma técnica, fazendo novas conexões, experimentando, fazendo novas construções até seu desenvolvimento completo.

Através dos dados colhidos com populações infantis de diferentes meios sociais, pode-se estabelecer uma progressão regular nos problemas que elas enfrentam nas soluções que as crianças ensaiam para descobrir a natureza da escrita. A ordem de

progressão de condutas não impõe efetivamente um ritmo determinado na evolução. Aqui, como em outros campos do desenvolvimento cognitivo, encontramos grandes diferenças individuais: algumas crianças chegam a descobrir os princípios fundamentais do sistema antes de iniciarem na escola, ao passo que outras, estão longe de conseguir fazê-lo. (FERREIRO, 2017, p. 41)

Ferreiro nesta citação em seu livro, mostra que cada criança demonstra um ritmo no desenvolvimento cognitivo, ela em sua investigação não encontrou padrões, ou seja, tem crianças que desenvolvem sua escrita muito antes da escola e outras estão longe de conseguir fazê-lo. Ele está afirmando que a criança não se prende a um método de ensino, ela pode aprender conforme seu interesse sem que seja respeitada uma ordem a ser seguida, ou seja, pode ser que a criança aprenda do todo para forma mais simples.

As primeiras escritas infantis aparecem, do ponto de vista gráfico, como linhas onduladas ou quebradas (zigue – zigue), contínuas ou fragmentadas, ou então com uma série de elementos discretos repetidos (séries de linhas verticais, ou de bolinhas). A aparência gráfica não é garantia de escrita, a menos que se conheçam as condições de produção. (FERREIRO, 2017 p. 18)

Nas primeiras escritas a criança a representa na mistura de símbolos e letras, ou até elementos repetidos. A grafia aparente não garante a escrita.

- Distinção entre modo de representação icônico e não icônico;
- A construção de formas de diferenciação (controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativo e quantitativo).
- A fonetização da escrita (que se inicia com um período silábico e culmina no período alfabético).

No primeiro período se conseguem as duas distinções básicas que sustentarão as construções subsequentes: a diferenciação entre as marcas gráficas figurativas, e as não figurativas, por um lado, e a constituição da escrita como objeto substituto, por outros.⁶ A distinção entre “desenhar” e “escrever” é fundamental importância

(quaisquer que sejam os vocábulos com que se designam especificamente essas ações). Ao desenhar se está no domínio icônico; (FERREIRO, 2017 p. 19)

Uma das fases que a criança no seu desenvolvimento da escrita passará é diferenciação de sua representação de forma exata de um símbolo ou parcial onde não consegue representar de maneira completa, a criança passa por várias experiências variando entre o qualitativo e o quantitativo até chegar na fonetização da escrita do silábico ao alfabético.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. (FREIRE, 1996, p. 43)

Freire neste trecho de seu livro *Pedagogia da Autonomia* de 1996, escreve da alegria, do prazer necessário ao aluno para aprender, e em minha interpretação do seu texto acredito que a relação entre a alegria e a esperança da criança seja o prazer necessário e a motivação do aluno em aceitar seu potencial de aprendizagem.

Se há uma prática exemplar como negação da experiência formadora é a que dificulta ou inibe a curiosidade do educando e, em consequência, a do educador. É que o educador que, entregue a procedimentos autoritários ou paternalistas que impedem ou dificultam o exercício da curiosidade do educando, termina por igualmente tolher sua própria curiosidade. Nenhuma curiosidade se sustenta eticamente no exercício da negação de outra curiosidade. A curiosidade dos pais que só se experimenta no sentido de saber como e onde anda a curiosidade dos filhos se burocratiza e fenece. (FREIRE, 1996, p. 51-52.)

Neste ponto, Freire (1996) comenta sobre o ato de como professor apresenta os conteúdos a seus alunos, em que isto não deve ser realizado de forma autoritária, deixando-os elaborarem suas perguntas, tendo suas dúvidas esclarecidas ao mesmo tempo de não esgotá-las a fim que possam complementar seus trabalhos novas dúvidas a serem esclarecidas, que em sua prática educativa o professor tem que estimular a curiosidade de seu aluno, sem dar atividades prontas, não se deve responder ao aluno de maneira a acabar com suas dúvidas e sim ajudar a criar novas perguntas, alimentando sua curiosidade, mas ao mesmo tempo orientando-o para construção do seu conhecimento. No momento que o professor não estimula a seus alunos pensarem por si, que não os provoca a perguntarem daí os mesmo são impedidos de se desenvolverem em um sistema que prejudicará sua curiosidade.

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. (FREIRE, 1996, p. 52)

Após a leitura dessa citação de Paulo Freire (1996) pensamos que ele observa a maneira em que o professor aplicará os conteúdos com seus alunos, para isso ele acredita que o professor não deve desenvolver uma tarefa de depositante do saber para seu aluno e sim como um facilitador do conhecimento, fazendo com que seu aluno possa encontrar suas respostas e criar novas perguntas. Pensando nessa autonomia, com esses ideais, acreditamos que o uso do vídeo pode trazer ao trabalho o benefício de brincadeira de relaxamento, para que a criança realize os trabalhos no contato com a câmera vendo a atividade de maneira mais prazerosa, encarando como brincadeira e com isso estimulando sua leitura e escrita de forma mais lúdica.

4.2 O vídeo como recurso na Alfabetização e Letramento

O vídeo como ferramenta na alfabetização e letramento tem evoluído ao longo do tempo, bem como a própria alfabetização e o letramento.

Extremamente versátil, mas infelizmente pouco exploradas, as funções do vídeo são várias, um leque de possibilidades que pode ser explorado na prática docente, dentre elas temos a função informativa, a motivadora, a expressiva, a avaliadora, a de pesquisa, a lúdica e metalinguística. Com exceção da última função, todas as outras podem ser usadas na sala de aula na educação dos pequenos, em uma diversidade de atividades prazerosas e significativas. (GOMES, 2015, p. 23)

No decorrer da pesquisa utilizamos o vídeo para atingirmos três possibilidades de função como afirma Gomes (2015) em seu trabalho, as funções: motivadora, avaliadora e a de pesquisa. Motivadora quanto ao estímulo para que o aluno realize novas habilidades com novas tecnologias e ao mesmo tempo desenvolva o hábito da leitura e da escrita. Avaliadora uma vez utilizamos do vídeo como forma de estimular o aluno a repensar sua prática. De pesquisa, quando utilizamos como dados a serem explorados para análise.

TV e vídeo encontraram a fórmula de comunicar-se com a maioria das pessoas, pois partem do concreto, do visível (Moran, 2005). Em decorrência também disso, as crianças que olham muita TV e jogam na internet, pensam de uma forma mais sensorial, plástica, concreta multimídia, “Linkada”, coloquial (MORAN, 2005, p. 98). Em decorrência disso, torna-se imprescindível fazer uso eficiente dessas mídias, agregadas à pedagogia de projetos, para que o conhecimento construído pela criança, em relação ao cotidiano e seus elementos, seja significativo. (GOMES, 2015, p. 25)

Na citação em que Gomes (2015) explana a ideia de Moran (2005), o que acontece em nosso cotidiano nos dias de hoje, é só prestarmos um pouco a atenção ao nosso redor onde veremos que uma criança domina a tecnologia melhor que seus pais. Devido a este fato devemos fazer uma ponte da tecnologia com o conhecimento e neste caso a alfabetização.

Na entrevista da revista Gambiarra¹, que deu origem a esta pesquisa podemos verificar que o vídeo foi realizado como forma de divulgar informações de interesse dos alunos daquele instituto, a iniciativa dos alunos apoiada pela direção do estabelecimento a meu ver geraram bons frutos, uma vez que assim os alunos fizeram uso da Língua Portuguesa no que diz respeito a organização de suas pautas e roteiros.

Outra forma de uso do vídeo é o vídeo espelho, como citamos Moran (1995), no início desta pesquisa, sua proposta é interessante, uma vez que o aluno pode ao rever suas atitudes e construir novas ações mais elaboradas, pois tem a oportunidade de refletir sua prática a partir do vídeo e adequar ela. Fazendo uso do vídeo defendemos ele como estímulo, pois como Moran (1995) conforme explica em seu artigo, em que no vídeo registro podemos utilizar a gravação do vídeo como armazenamento de fatos e contar histórias.

A possibilidade de ter seu conteúdo de forma digital, ou seja, sempre disponível para modificações, facilita a organização pedagógica. A convergência é um conhecimento que o educador que quer trabalhar com TIC deve dominar, em que “como converter”, “onde armazenar” e “toda a organização dos dados” são conhecimentos importantes para o educador. Com esse conhecimento dominado, pode aproveitar imagens, fotos, áudios, trabalhando com outro conceito, o da multimídia.

O conceito da interatividade está ligado aos outros dois. A possibilidade de reaproveitar outros materiais produzidos, que, no caso do editor de vídeo, basta que

¹ Revista Gambiarra. Disponível em: <http://revistagambiarra.com.br/>

volte à trilha de edição, faz com que o educador trabalhe sob a perspectiva da interatividade. A interatividade está na produção. Para os estudantes a aula não é interativa, pois continua sendo linear, mas já começa a ser multimídia, porque há entrada de DVD e de televisão em sala de aula. (SOUZA, 2009, p. 182)

Dentro desta possibilidade Souza (2009) aponta em sua pesquisa três sugestões de atividades a serem aplicadas:

Atividade 1 – o educador grava a aula, nesse conceito a uma convergência no material pedagógico que passa para o formato digital, com isso a uma possibilidade de uma nova organização de aula (antes o educador construía cartazes para acompanhar sua fala, agora integra as imagens a sua fala gravada);

Atividade 2 – o educador seleciona imagens para exemplificar o que estaria sendo comentado, este com o conceito de interatividade: educador coloca gravuras e texto em seu vídeo, nesta o educador tem a possibilidade de ver sua aula, pode observar sua postura e analisar seu conteúdo.

Atividade 3 – palavras-chave selecionadas pelo educador para dar destaque a fala, o conceito de multimídia, diferentes recursos são usados, (integração de vídeos e fotos), tem a possibilidade de atualização curricular – o conteúdo pode ser sempre modificado.

Um interessante recurso de potencialização do ensino e da aprendizagem, o vídeo digital traz imagens e sons que dinamizam as aulas, trazem o mundo “lá de fora”, rompendo com o esquema transmissivo da educação tradicional. Mais do que isso, produzir e compartilhar é uma característica da cultura digital, com o auxílio de tecnologias que progressivamente se encontram difusas, como celulares (smartphone), tablets, e câmeras digitais. (VIEIRA, 2017, p. 4)

Vieira (2017), em sua pesquisa, vem reforçar o que vemos em outros trabalhos semelhantes, onde acredita que o vídeo é um recurso potencializador, ou seja, ele vem como um complemento, uma maneira de aproximar o aluno do conteúdo a ser trabalhado de forma mais agradável, trazendo a tecnologia como aliada. Dentro deste contexto, no decorrer de nosso experimento na escola podemos utilizar o vídeo neste formato para fazer sua testagem como veremos posteriormente nas análises da pesquisa.

4.3 Trabalhos Relacionados

Os trabalhos que apresentarei a seguir serviram como referência no foco escolhido para esta pesquisa com suas semelhanças e diferenças deste trabalho sendo destacadas.

O primeiro trabalho pesquisado foi “O Vídeo na Sala de Aula”, nele Moran (1995) transmite a seu leitor a ideia da utilização do vídeo como meio de incentivar aos alunos a construir seu conhecimento na interação com a tecnologia, segundo ele o aluno não vê o vídeo como conteúdo e sim como descanso, o professor tendo aí uma possibilidade a ser explorada para atrair seu aluno. No artigo escrito por Moran não encontramos sinais da aplicação de suas teorias, embora as mesmas fiquem subentendidas no seu texto.

No trabalho “O ambiente letrado e sua influência no processo de alfabetização”, Camargo (2010) relata sua experiência em uma escola de difícil acesso na localidade de São Leopoldo, onde sua comunidade é muito carente, com baixa escolaridade das famílias. Ele busca em sua proposta promover a alfabetização e o letramento tendo em suas prioridades a valorização das experiências dos alunos e o uso de atividades significativas. Segundo a autora, as crianças pesquisadas em seu trabalho apresentam pouco conhecimento alfabético devido ao fato de suas famílias não estimularem o hábito da contar histórias, com isto o professor precisa oferecer a crianças contatos com livros, jogos e brincadeiras para influenciar sua leitura de forma prazerosa.

“O uso integrado da TV e Vídeo na Educação Infantil da Escola Municipal Elso Paulo Severnini” é o trabalho realizado pelos autores Evania Vanderléia Soares e Sylvio André Garcia Vieira (2017), onde seu foco de discussão está em como os professores do maternal I exploram as mídias TV e Vídeo em seus trabalhos pedagógicos e como esses recursos tecnológicos influenciam no ensino-aprendizagem dos alunos. No desenvolvimento de sua pesquisa foi constatado o uso da TV e do Vídeo pelos professores do maternal I, para a autora a TV chamou a atenção das crianças e auxiliando as mesmas na construção da noção do censo de direção, direita/esquerda e outras relações espaciais como longe/perto e pequeno/grande.

“O uso da tecnologia na Alfabetização de Crianças” é o nome da pesquisa realizada por Daniele Primmaz (2015), nela a pesquisadora transmite ao leitor de seu trabalho a importância da leitura e da escrita para criança, do professor como facilitador, responsável em desenvolver com aluno, recursos pedagógicos e metodologias para construção de sua aprendizagem. Para isso, Primmaz (2015) fala que o resultado do uso das mídias pode ser visto como uma atividade desafiadora e prazerosa para que a criança desenvolva seu conhecimento.

“O vídeo e a TV, Infinitas Possibilidades na Alfabetização Infantil de Hoje”, pesquisa realizada por Graziela Molina Borges Gomes (2015) onde a autora fala das mídias nos dias de hoje e que pais e professores devem aproximar e estimular o uso das tecnologias com as crianças. A pesquisadora ao longo do trabalho utiliza o vídeo e a TV como ferramentas na chave para iniciar a mudança. Segundo Gomes, os resultados de sua pesquisa, foram semelhantes aos resultados de 18 anos atrás quando começou seu trabalho com educação infantil, tendo os seguintes resultados com os pais, reconhecem que seus filhos assistem mais TV em casa do que deveriam e que não conversam sobre os programas para explicar as crianças. Já os professores por sua vez, não estão estimulando como deveriam, pois, continuam utilizando as mesmas práticas de anos atrás não explorando novas possibilidades.

Esses trabalhos foram escolhidos porque ao explorá-los no decorrer da pesquisa, apresentaram semelhanças com o projeto, entre elas, o uso da tecnologia, e a maneira que os professores desenvolveram suas atividades. Se o leitor observar no decorrer deste trabalho de pesquisa entre os trabalhos relacionados, nem todos utilizam do vídeo como ferramenta didática, em que, ao longo do processo fomos demonstrando outros tipos de mídias que durante a leitura das obras tinham objetivos comuns em todos os trabalhos.

As diferenças destes trabalhos descritos para a pesquisa realizada foram em relação ao método realizado durante a coleta de dados. No desenvolvimento de meu trabalho de pesquisa utilizei o celular e a câmera digital como fonte de registro das atividades partindo dos alunos. Os trabalhos relacionados além de usarem outros tipos de mídias, se pegarmos como exemplo o trabalho de Soares (2017), onde ela desenvolve sua pesquisa com a mesma ferramenta, a TV e o Vídeo, a ferramenta será a mesma, os objetivos semelhantes, mas o método da pesquisa foi diferenciado.

Em sua pesquisa, Soares (2017) trabalha com vídeos já produzidos na construção do conhecimento da criança. Neste trabalho o vídeo é parte integrante da pesquisa, pois a criança participante da pesquisa foi sujeito ativo na prática do vídeo, emprestando sua visão do trabalho realizado, uma vez que ela teve a oportunidade de gravar os vídeos pessoalmente.

5. METODOLOGIA

Neste trabalho o tipo de pesquisa que utilizamos foi a pesquisa qualitativa, uma vez que os resultados que serão apresentados fazem parte de uma investigação através de um experimento realizado em uma escola pública do município de Porto Alegre, juntamente de uma pesquisa bibliográfica. A pesquisa qualitativa baseia-se na observação cuidadosa dos ambientes onde o sistema está sendo ou será utilizado, do entendimento das várias perspectivas dos usuários ou potenciais usuários do sistema (WAINER, 2007).

Para isso, apoiados nas teorias apresentadas no decorrer deste trabalho, buscamos encontrar informações para qualificar os recursos a serem utilizados na sala, como uso do vídeo. A pesquisa conduzida neste trabalho teve uma natureza explicativa, do tipo causa e efeito. Esse tipo de pesquisa procura identificar os fatores que determinam, ou, contribuem para a ocorrência de um determinado fenômeno (GIL, 2010).

Durante a pesquisa explicativa desenvolvida neste trabalho, foi determinada a utilização da modalidade quase-experimental, sendo definida por Rockers et al. (2015) como o processo que estima o tamanho do efeito causal, usando variações exógenas na exposição de interesses, que não são controladas diretamente pelo pesquisador. Nesse processo o pesquisador irá analisar os fatores externos de forma a não interferir nos seus resultados.

Trabalhamos com a pesquisa de forma qualitativa porque buscamos testar a qualidade das abordagens propostas nas atividades sem quantificar números, para tanto nosso foco se deu no processo de ensino, observar nas impressões dos alunos se as ferramentas disponibilizadas nesse trabalho colaboram com seu desenvolvimento.

5.1 Participantes

Este trabalho foi aplicado na E.M.E.F. Migrantes, localizada na zona norte de Porto Alegre, com a turma do 3º ano do 1º ciclo, participaram desta pesquisa seis alunos, sendo quatro meninas e dois meninos, na faixa etária entre 8 e 9 anos, foi observado pelo pesquisador que os alunos demonstraram pouco conhecimento prévio no uso de mídias, já nas primeiras orientações recebidas.

No decorrer da pesquisa ocorreram algumas situações que dificultaram a reunião de um grupo grande de alunos, entre elas o fato de alguns pais não permitirem o uso de imagem dos seus filhos, influenciando isso na troca do horário de observação do trabalho.

Passadas estas dificuldades, os alunos participantes da primeira atividade demonstraram o mesmo interesse sendo formado um grupo com 4 integrantes. Na atividade 2, outras duas alunas foram inseridas após a assinatura do uso de imagem autorizados pelos pais. Os alunos que participaram desta pesquisa são moradores da vila Dique, um local da cidade onde sua comunidade sofre com muitas dificuldades, em uma área que suas casas são ocupadas através de invasões, sem registro de propriedade, com poucos recursos para sobrevivência da família. Os encontros aconteceram em três períodos semanais de 1h, no decorrer dos meses de outubro e novembro de 2018.

5.2 Design do estudo

Para o desenvolvimento deste trabalho buscamos demonstrar aos alunos uma realidade diferente do que vivenciam no seu dia na comunidade carente onde moram. Para isso, resolvemos trazer para sala de aula uma atividade que os mesmos tivessem a oportunidade trabalhar com tecnologias que não estão acostumados, como o uso de câmeras digitais, smartphones e computadores.

É indispensável ressaltar que todos os participantes assinaram um termo de consentimento livre esclarecido, no qual estavam cientes do estudo realizado e concordaram de forma livre e consciente. Este termo foi assinado tanto pelos alunos, quanto por seus pais, além do autor deste trabalho. Os termos estão à disposição por parte do autor deste trabalho para serem visualizados pelos leitores, caso se configure necessário.

O projeto foi planejado da seguinte maneira, no primeiro dia organizamos os alunos por ordem de interesse deles, ou seja, deixamos os alunos livres na escolha dos temas ou títulos dos livros que foram explorados nesta tarefa. Depois separamos os alunos por 4 integrantes por grupo de trabalho.

Apresentamos aos alunos os primeiros aparelhos digitais como o smartphone e o tablet de propriedade do pesquisador, que foram utilizados no decorrer de todos os encontros para fim de registro em vídeo. Após a escolha dos títulos dos livros, um dos quatro integrantes de cada grupo utilizou uma das tecnologias para gravar os outros integrantes lendo seus títulos,

para garantir que todos participem os alunos fizeram revezamento nas tarefas de leitura e filmagem.

As crianças participantes da pesquisa escolheram trabalhar com o livro *Bullying na Escola por trás da maldade virtual* da autora Cristina Klein, Blu editora, 2011. O livro traz em pauta a situação de uma menina, Lara que sofre ofensas e mentiras expostas na internet que acabam constringendo-a, não queria ir mais a escola de vergonha, então Lara conta tudo a seus pais que lhe apoiam e ajudam na resolução do problema.

No dia seguinte os alunos fizeram o registro da história lida em desenhos elaborados de próprio punho e cada integrante teve a oportunidade de filmar os colegas realizando suas tarefas. No próximo encontro os alunos utilizaram os desenhos confeccionados no encontro anterior, para formação de palavras chaves ou frases para identificar o que estavam pensando os mesmos na confecção de cada figura com seus integrantes fazendo um revezamento no registro em vídeo de seu trabalho.

Os dois encontros seguintes foram utilizados para confecção de uma tarja de quadrinhos no computador com auxílio da ferramenta online Pixton². Durante os encontros, os alunos tiveram a oportunidade de trabalharem separadamente, cada um em seu computador, sendo que no início deste trabalho foi entregue o código chave do site para as crianças criarem seus nomes de usuários e senhas, após foram desafiados a explorarem o mesmo, fazendo seu avatar e a confecção da tarja. No encontro final os alunos viram os vídeos de seu trabalho e foi realizada uma roda de conversa para verificar suas impressões, sentimentos, o que mais gostaram de fazer, qual atividade menos agradável das realizadas nesta pesquisa, entre outros aspectos.

5.3 Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos utilizados para coleta dos dados foram a observação, o quadro de anotação, o vídeo e livro digital, a roda de conversa, e o parecer descritivo. A observação do pesquisador recebeu auxílio de um quadro de anotação planejado em formato de planilha com os itens a serem observados pelo mesmo em sua pesquisa, assim como o acompanhamento na construção do vídeo digital. O quadro de anotação foi desenvolvido em uma planilha do Excel gerada com os seguintes itens: nome do aluno, participação nas atividades, gravação, desenho,

² Pixton. Disponível em: <http://www.pixton.com/br>

sua concentração na realização das tarefas, níveis mensurando se atingiu ou não atingiu os objetivos.

Quanto ao Vídeo e Livro digital foram realizadas gravações durante as aulas da pesquisa, onde o pesquisador e os próprios participantes da pesquisa realizaram vídeos de sua construção no passo a passo de seus encontros. Na Roda de Conversa o pesquisador fez um círculo dando a oportunidade para os alunos falarem o que sentiram no desenvolvimento das atividades, quais foram as mais agradáveis, o que não gostaram, quais suas dificuldades.

No Parecer Descritivo foi elaborado um texto pelo pesquisador relatando suas observações durante os encontros, ou seja, um documento que trará informações individuais de cada aluno quanto sua postura no trabalho, sua participação, envolvimento e seu conhecimento e manuseio com a tecnologia e seu nível no conhecimento da leitura e escrita.

5.4 Análise dos dados

A análise realizada foi baseada de forma qualitativa, em que os dados foram analisados de forma descritiva sendo realizadas argumentações e interpretações por parte do autor desta pesquisa, sendo embasadas por trechos de outros autores da literatura. Buscamos observar a atitude dos alunos da pesquisa e sua interação com o vídeo, como forma de verificar sua aceitação e estímulo na realização das tarefas desenvolvidas. Para isso aplicamos duas atividades, uma convencional, fazendo uma interpretação de uma história infantil com papel, lápis e borracha e outra fazendo tiras de quadrinhos uso do computador.

Na atividade convencional foram analisados a escrita dos alunos, para isso nos utilizamos como fonte de apoio o trabalho de pesquisa de PRIMMAZ (2015), que no corpo de sua pesquisa apresenta os níveis do processo de alfabetização e letramento, segundo Emilia Ferreira, a organização de suas ideias a ordem dos fatos.

No caso do uso das tecnologias, como o celular e o computador, os preceitos foram apoiados nos trabalhos de Gomes e Moran, como materiais estruturadores na organização das tarefas. Os vídeos foram analisados conforme os alunos seguravam o celular e o tablet, seu conforto, seu interesse, o material filmado mostrou os colegas em seu trabalho, fizeram seu próprio registro, a duração de sua atividade, entre outras percepções.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse trabalho, os resultados foram obtidos após a verificação dos relatórios desenvolvidos pelo pesquisador priorizando com os alunos a construção de hipóteses no desenvolvimento de sua escrita, apoiados nas teorias de Paulo Freire e Emilia Ferreiro. Na área das tecnologias foram observados nos encontros de cada semana, o seu comprometimento com o trabalho, quais suas dificuldades, se pediram auxílio ou encontraram alternativas para superá-las.

6.1 Vídeos e livros digitais do ponto de vista observacional

Entre os alunos selecionados para realização do trabalho, iniciamos o primeiro dia com uma aluna e a realização de uma atividade de leitura. Neste dia, foi realizada a escolha do livro a ser trabalhado no desenvolvimento da pesquisa e a primeira leitura do livro *Bullying na Escola por trás da maldade virtual*. A Figura 1 apresenta a capa do livro. A atividade 1 realizada entre os meses de outubro e novembro.

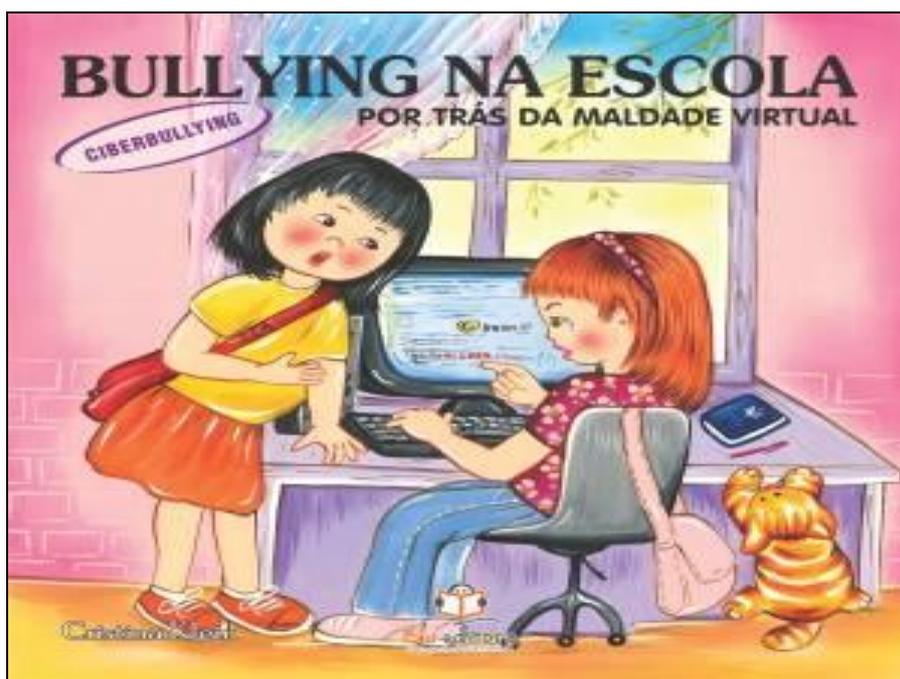


Figura 1. Capa do livro Bullying na Escola

Fonte: Bullying na Escola

No encontro seguinte, juntou-se a aluna mais um colega, que após analisar os livros disponíveis pela sua faixa etária na biblioteca da escola, escolheu trabalhar em conjunto com a

mesma história já havia sido selecionada pela colega no encontro anterior. Na semana seguinte juntou-se a dupla, mais dois alunos para a continuidade da atividade.

Os alunos no primeiro momento gostaram de fazer seu registro em vídeo. O pesquisador teve que intervir para organizá-los para que todos tivessem a possibilidade de registrar sua filmagem. A Figura 2 mostra os alunos fazendo o registro em desenho na folha A4.



Figura 2. Registro em desenho dos alunos

Fonte: Autor

Os alunos selecionados para a atividade 1 estavam fazendo seus registros em desenho da história escolhida, e seu registro em vídeo com o auxílio do celular para gravação. É possível ver que o aluno está atento ao enquadramento da câmera, e consegue suportar o peso da ferramenta.

Ao longo do trabalho foram entregues aos alunos diferentes tipos de aparelhos para gravação, entre eles dois tipos de celulares, um pequeno, outro um pouco maior e um tablet de 9 polegadas. A Figura 3 mostra a continuação da atividade 1.



Figura 3. Registro dos alunos com celulares

Fonte: Autor

A aluna em continuação da atividade 1 de registro da história, está fazendo uma gravação dos colegas com um tablet de 9 polegadas, podemos verificar que a mesma está apoiando-o na mesa por causa do seu peso. Dentre os resultados obtidos com esta primeira atividade, alguns são apresentados a seguir. A Figura 4 mostra uma atividade de um dos alunos da pesquisa.

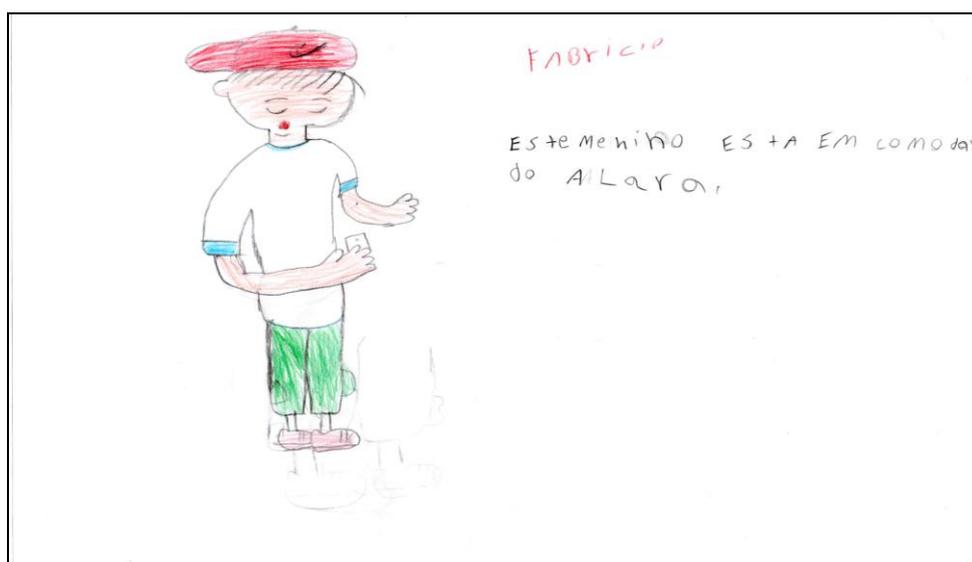


Figura 4. Resultados dos desenhos criados 01

Fonte: Autor

O aluno F, no seu primeiro registro para reconstruir a história do livro Bullying na Escola escolheu mostrar o colega de Lara postando mentiras da menina na Internet através do

celular. Na Figura 5, Lara está chorando depois de ver as mentiras que o menino postou, e seus outros colegas começaram a cochichar falando mal dela.



Figura 5. Resultados dos desenhos criados 02

Fonte: Autor

Depois que seus pais foram até a escola para conversar com a direção, e o trabalho de diálogo com os alunos de sua escola explicando como mentiras podem fazer mal as outras pessoas, Lara volta a sua vida normal e volta a sorrir. A Figura 6 ilustra esta retratação.



Figura 6. Resultados dos desenhos criados 03

Fonte: Autor

Na Figura 7, o aluno F representa um amigo de Lara feliz com as mentiras foram esclarecidas, e que foi provada a inocência de Lara que foi acusada injustamente.

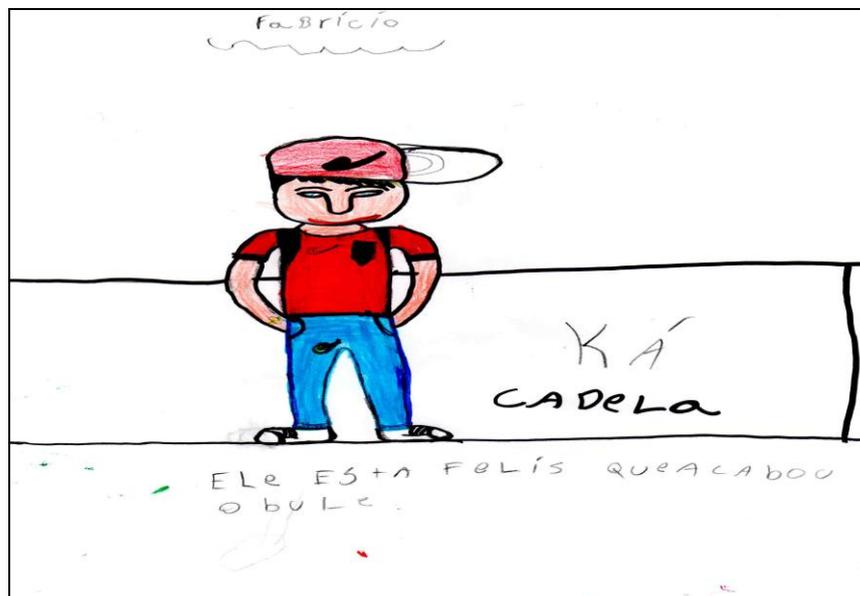


Figura 7. Resultados dos desenhos criados 04

Fonte: Autor

Observando o interesse dos alunos com as tecnologias oferecidas nesta atividade, podemos destacar que o estímulo a gravação foi maior com os celulares, uma vez que o tablet foi considerado pesado por eles e que não foram necessárias muitas orientações para seu uso.

Entre os alunos participantes desta atividade podemos destacar que os meninos apesar de desenvolverem um bom trabalho com o registro no papel, tiveram mais satisfação no registro digital com o uso do celular e tablet. Já entre as meninas, uma delas demonstrou pouca satisfação no uso com a câmera, e a outra demonstrou-se muito à vontade com o celular na mão, fazendo filmagens suas nos registros feitos por ela.

O primeiro encontro da atividade 2 com o uso do computador teve as crianças cadastrando suas senhas na página da internet Pixton com auxílio do pesquisador. A Figura 8 apresenta um exemplo deste momento no laboratório de informática.

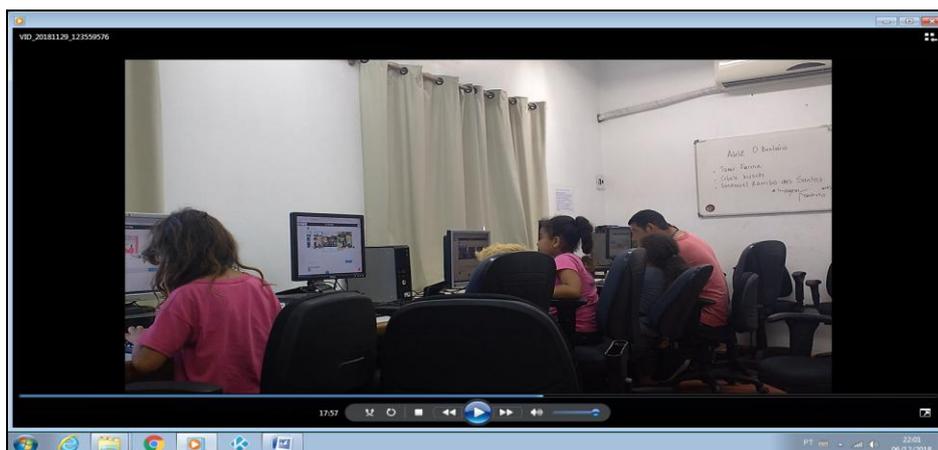


Figura 8. Momento de criação das senhas no Pixton

Fonte: Autor

Neste dia, os alunos estavam recebendo as senhas para começarem o trabalho com o site Pixton. Na atividade seguinte, com o uso dos computadores foram integradas ao grupo duas alunas, formando um novo grupo para o trabalho de seis alunos. Os alunos mostraram bastante euforia ao chegarem na sala de informática no primeiro dia, para minha grata satisfação os alunos atenderam muito bem minhas expectativas, demonstrando um bom conhecimento no uso do computador.

Eles chamaram a atenção do professor para detalhes não explorados por ele, e com isso aprendendo com eles, como personalizar o avatar do site. Já as dificuldades apresentadas ficaram restritas na lembrança das senhas de seus cadastros no site indicado, mas com a maioria dos alunos apresentando um bom rendimento até a conclusão da tarefa. A Figura 9 mostra a atividade 2, sendo construída uma tira de quadrinho.



Figura 9. Momento de criação dos quadrinhos no Pixton

Fonte: Autor

Na figura anterior o aluno X, mostrou bastante familiaridade com uso da ferramenta, no caso do computador, fazendo poucos pedidos de ajuda ao professor, construindo uma história combinando as figuras com as falas dos personagens. Durante a leitura desta subseção o leitor pôde observar algumas amostras das atividades realizadas com 6 alunos do 3º ano do ensino fundamental.

6.2 PARECER DESCRITIVO E RODA DE CONVERSA

Para a formação do parecer descritivo foram analisadas as escritas das crianças participantes, a fim de identificar o nível do processo de escrita em que se encontram os alunos. O aluno X, ao analisarmos sua primeira atividade com o registro de 4 momentos do livro escolhido, veremos que o mesmo demonstra uma boa grafia da letra, uma certa organização nas ideias. Com referência ao seu nível alfabético, o aluno demonstra um conhecimento silábico alfabético.

O aluno demonstrou bastante destreza ao lidar com o celular e o tablet na atividade 1, imagem firme, sem tremidas, registrando seus colegas. Na atividade 2, foi verificado que o mesmo superou os objetivos do pesquisador, desenvolvendo seus conhecimentos com a atividade.

A aluna B na primeira atividade foi verificado uma boa grafia da letra, certa desorganização nas ideias, sendo seu nível equiparado ao silábico alfabético. Quanto ao uso da tecnologia, a aluna demonstrou certa dificuldade em apoiar o tablet na hora de sua gravação necessitando da ajuda da mesa para apoiá-lo. Na atividade seguinte demonstrou superação nas dificuldades alcançando os objetivos propostos.

O aluno F ao ser verificado sua grafia, este apresentou boa grafia das letras, boa organização das ideias e seu nível é silábico alfabético. Na atividade 1 o aluno desenvolveu bem o uso com as tecnologias com o celular e o tablet, com um bom foco no vídeo, bom enquadramento, com imagens firmes, sem tremidas. Na atividade 2 desenvolveu um bom rendimento atingindo todos os objetivos propostos.

A aluna Z foi identificada com uma boa grafia das letras, com ideias organizadas e seu nível silábico alfabético. Na atividade 1, aluna demonstrou alguma familiaridade com o uso do celular, fazendo filmagens próprias de si mesma, mas nas gravações de seus colegas, suas imagens ficaram tremidas por alterar o modo que segurava o celular hora gravando com o celular em pé e outra com ele deitado, com o tablet não conseguiu fazer uso dele pelo seu

peso. Na atividade 2 mostrou um pouco de dificuldade no uso do computador, mas sendo superada com o auxílio dos colegas e do professor.

A aluna J não desenvolveu a atividade 1 por falta de autorização do uso de imagem em tempo. Na atividade 2 demonstrou bom rendimento no uso com o computador, atingindo todos os objetivos propostos no trabalho.

A aluna Y apresentou dificuldades na concentração, com a senha, não anotando adequadamente, mostrou dificuldades na interpretação da tarefa, não conseguindo interagir com o uso do computador, não conseguindo finalizar seu trabalho. A aluna em questão conseguiu superar ou desenvolver suas dificuldades durante as atividades.

Na Roda de Conversa, alguns alunos não quiseram falar demonstrando incomodados com a câmera, mas duas alunas tomaram a frente da conversa respondendo às perguntas e dando voz aos alunos mais tímidos. Quanto a atividade 1 do registro no papel em forma de desenho e escrita pela entonação dos alunos, eles não gostaram de fazer a atividade, mas não queriam chatear o professor, dos quatro alunos da atividade, uma aluna demonstrou satisfação em fazer o registro com o desenho e escrita. Palavras desta aluna:

- “Eu me senti muito inspiradora, parece que eu to pintando um quadro com nuvens e arco Iris.”

Na atividade 2 acerca da confecção dos quadrinhos, as crianças gostaram de personalizar seu avatar, editar seus desenhos e construir suas histórias. Confirmarei transcrevendo algumas falas dos alunos:

- “Eu gostei de criar os avatar e de escrever, foi muito legal, também ajudar os outros a fazer o que não conseguiram.”
- “Eu nunca criei um blog.”
- “Eu gosto de desenhar, mas eu não sabia que a gente ia desenhar no computador que é muito mais legal”.

Nesta atividade da Roda de conversa, os alunos demonstraram muita timidez, com poucas falas de quatro alunos. As alunas J e Z tomaram conta da atividade respondendo como porta voz dos seus colegas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este trabalho de pesquisa com a problemática de como incentivar o hábito da leitura e da escrita no ensino fundamental com o uso das mídias? Portanto, no decorrer do trabalho de pesquisa, fomos buscando teorias para organizar e estruturar nosso trabalho, os trabalhos relacionados que servissem como referência para análise dados.

Durante a aplicação das atividades realizadas com os alunos da pesquisa, podemos observar que os mesmos não estão acostumados a trabalhar com as tecnologias da forma que foram apresentadas a eles. Contudo, ao verificar suas reações com as mesmas podemos apontar que na atividade de registro em vídeo com o uso de celulares e tablet, os alunos no primeiro momento ficaram encantados com a possibilidade do manuseio com a ferramenta, mas vencido o desafio alguns foram perdendo o estímulo a ponto de abdicarem de uma parte de registro para os outros colegas.

No desenvolvimento da primeira atividade foram observados nos alunos participantes que no decorrer do processo de leitura houve melhoras em sua articulação do início ao fim da atividade. Estes demonstraram mudanças significantes onde no primeiro momento liam as palavras soletrando letra a letra e depois conseguindo ler através do som de cada sílaba.

Na escrita os erros demonstrados apareceram de maneira que ao escrever as palavras esqueciam alguma letra, ou às vezes trocando sua ordem, caracterizando traços do nível silábico-alfabético de Emília Ferreiro (2010 apud em Primmaz 2015 pg. 18 e 19).

Primmaz (2015) descreve o nível silábico alfabético onde as crianças observam que a sílaba não é a menor unidade da palavra que uma letra sozinha não serve para representar uma sílaba e começa a acrescentar letras aleatoriamente, as crianças começam a perceber que necessitam colocar mais letras que colocaram no nível silábico.

Na atividade seguinte verificamos que eles se sentiram mais desafiados na busca de soluções para atingir os seus objetivos. Solucionadas as dificuldades com as senhas de alguns alunos, eles demonstraram interesse no trabalho com a ferramenta. Concluída a atividade, os mesmos queriam explorar o uso do computador através da internet.

Acreditamos que atingimos os objetivos propostos neste trabalho de pesquisa uma vez que na realização das atividades os alunos da escola tiveram acesso a algumas tecnologias como vídeo e computadores, oportunidade de treinar sua leitura oral para superar suas dificuldades, ansiedades e medos, bem como no registro de seus desenhos foram estimulados

organização de suas ideias sentido de início, meio e fim, contribuindo na superação de se não todas, algumas dificuldades.

Contudo, verificamos que no desenvolvimento das atividades aconteceram algumas falhas, como na primeira atividade a falta de um tripé para apoio do celular ou tablet, a articulação coordenando mais próximo a atividade, orientando melhor os alunos em seus registros. Na atividade 2, o tempo dado aos alunos para o desenvolvimento da atividade foi insuficiente, porque apesar da maioria dos alunos ter atingido o objetivo final, esta seria melhor aproveitada com um período maior.

Este projeto permitiu à minha pessoa, como pesquisador durante as atividades desenvolvidas ao longo do processo, observar atitudes e conceitos enraizados em minha vida, como minha postura como professor em sala, que maneira posso estimulá-los melhor durante o processo de ensino e aprendizado. Atitudes estas que em meus próximos trabalhos pretendo modificar, como de sem perceber notar a mim como um professor autoritário em minha prática docente. Pela boa resposta que tive com as crianças, nos projetos futuros pretendemos fazer uso de outras tecnologias que não puderam ser exploradas no curso do trabalho, mas que se mostraram interessantes para o trabalho em sala.

No desenvolvimento do trabalho podemos observar com os trabalhos relacionados, outros métodos são possíveis de serem explorados no decorrer do ano letivo para que os alunos possam desenvolver o hábito da leitura e escrita sem cair em uma rotina, ou seja, estimulando um objeto de pesquisa que nesse caso, a leitura e escrita com ferramentas e métodos diferentes.

Duas possibilidades interessantes de serem trabalhadas que não foram exploradas neste trabalho de pesquisa, mas podem vir a serem utilizadas, são as atividades de Souza (2009) a exemplo da primeira onde o professor passa sua aula em formato digital onde o aluno terá acesso a apresentação do conteúdo através de um vídeo gravado por ele, com o que acha mais interessante a ser trabalhado em sua aula. A segunda atividade indicada por Souza (2009) que poderia ser desenvolvida com os alunos seria a de expor palavras-chave que dessem destaque a fala do professor interagindo vídeo e fotos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Lisiane Walter. O Ambiente Letrado e sua Influência no Processo de Alfabetização. Porto Alegre/RS. 2010

CRUVINEL, Heuler – Projeto de Lei s/nº. Brasília/ DF. 2015

FERREIRO, Emilia. Reflexões Sobre Alfabetização. 1ª edição. São Paulo/SP: Cortez. 2017. Coleção questões da nossa época: Volume 6.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: 35ª edição. São Paulo/SP: Editora Paz e Terra, 2007.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5 ed. São Paulo: Atlas, 184 p., 2010.

GOMES, Graziella Molina Borges – Vídeo e TV, Infinitas Possibilidades na Educação Infantil de hoje. Porto Alegre/RS. 2015.

KLEIN, Cristina – Bullying na Escola por trás da maldade virtual. 1ª edição. Editora Blu. Blumenau/SC2011.

LEI Nº 11.067, DE 10 DE MAIO DE 2011 em www2.portoalegre.rs.gov.br acesso 22/11/18.

MORAN, José Manuel. O Vídeo na Sala de Aula. revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. Pedagogia de Projetos: 2013

PRIMMAZ, Daniela – O uso da tecnologia na alfabetização de crianças. Porto Alegre/RS. 2015

ROCKERS, P.C.; RØTTINGEN, J.A.; SHEMILT, I.; TUGWELL, P. e BÄRNIGHAUSEN, T. Inclusion of quasi-experimental studies in systematic reviews of health systems research. Health Policy, v. 119, n. 4, p. 511-521, 2015.

SOARES, Evania Vanderléia. O USO INTEGRADO DA TV E VÍDEO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA ESCOLA MUNICIPAL ELSON PAULO SEVERININI. Três Passos/RS. 2017

SOUZA, Karla Isabel de – Vídeo Digital na Educação: Aplicação da Narrativa Audiovisual. Campinas/SP. 2009.

VIEIRA, Sebastião Silva – A produção de vídeos digitais no contexto da Folkcomunicação científica e tecnológica: construção do conhecimento contextualizado, participação e cultura popular no ensino de ciências. Ponta Grossa/PR. Volume 15. Número 35. Julho/Dezembro de 2017.

WAINER, J. Métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa para a Ciência da Computação. **Atualização em informática**, p. 221–262, 2007.

ANEXO

Modelo termo de consentimento utilizado para receber autorização para a pesquisa pelos pais dos alunos.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação
Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu*

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O(A) pesquisador(a) Daniel de Castro Rodrigues, aluno(a) regular do curso de **Especialização em Mídias na Educação – Pós-Graduação *lato sensu*** promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação do(a) Professor(a) Felipe Becker Nunes realizará a investigação O uso das mídias nas séries iniciais, junto ao I ciclo no 2º e 3º anos da E. M. E. F. Migrantes no período de 06 de setembro á 19 de outubro de 2018. O objetivo desta pesquisa é desenvolver a capacidade do aluno dos anos iniciais de ler e escrever de forma lúdica e prazerosa para construção do seu conhecimento dando sentido as letras.

Objetivos Específicos - Desenvolver seu habito de leitura, estimular sua motricidade fina, desenvolver seu pensamento crítico, desenvolver sua capacidade de organizar suas ideias numa sequencia lógica, verificar como os alunos interagem na utilização da câmara ou celular;

Os (As) participantes desta pesquisa serão convidados(as) a tomar parte da realização de uma observação de campo de uma atividade onde os participantes farão em conjunto com o pesquisador leitura de alguns contos que serão registrados pelos participantes através de palavras ou pequenas frases, os participantes também desenvolverão uma história de quadrinhos no computador, fazendo também o registro passo a passo em vídeo.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do(a) pesquisador(a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o(a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O(A) pesquisador(a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (51) 99615-5251 ou por e-mail – pedag.daniel@gmail.com .

.....

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU _____, inscrito sob o no. de R.G. _____,

Concordo que meu filho (a) _____ participe dessa pesquisa.

Assinatura do(a) responsável

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Porto Alegre, 05 de setembro de 2018.